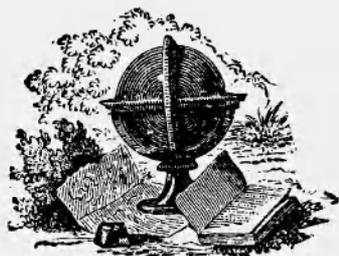


COELHO NETTO e OLAVO BILAC

A TERRA FLUMINENSE

EDUCAÇÃO CIVICA

(Livro unanimemente aprovado pelo Conselho Superior
de Instrucção do Estado do Rio de Janeiro)



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1898



51-4702.

NOTA

O professor chamará a atenção dos alumnos para as palavras em grypho, explicando-as.



25 270
1956

Não conseguimos, por certo, apresentar um trabalho perfeito. Mas anima-nos a convicção de que não poupámos esforços para escrever um livro original, em que a creança encontrará, summariamente indicadas, toda a vida politica, toda a vida moral e toda a vida commercial da Terra Fluminense. Neste livro, a Historia e a Fantasia andam unidas; e procurámos aproveitar os assumptos, de maneira que podessem elles interessar não sómente a intelligencia, mas tambem o coração das creanças. A grande e a pequena lavoura, as origens da civilisação e do trabalho, as industrias, os aspectos da Natureza, o commercio, a formação dos nucleos geradores do progresso, a evolução politica, o passado, o presente e o futuro do Estado do Rio de Janeiro estão, parece-nos, resumida e claramente contidos nesta obra. Quizemos fugir da aridez, da fórma complicada e da banalidade, ao mesmo tempo; dirão os competentes se nos sahimos bem da empreza. E se nestas poucas paginas sinceras a creança aprender a amar a sua Patria, estarão satisfeitos os desejos de

Coelho Netto e Glauco Bilac.

I

A Terra

Para bem amar a Patria, é preciso conhecê-la bem. Só quem já estudou todos os seus *recursos*, só quem já admirou todas as suas bellezas é que pôde ter o coração cheio da sua imagem e ser capaz de por ella dar a propria vida. A *Patria* é mais do que a *familia*, porque a felicidade de todas as familias depende da bondade com que a terra alimenta os seus filhos, e da sua segurança que é a segurança de todos, e da sua paz que permite o trabalho calmo e productivo de cada um.

O Estado do Rio de Janeiro é esta immensa *faixa* de terra, que, posta ao longo do *Oceano Atlantico*, em uma extensão de setecentos *kilometros*, vem desde as *margens ferteis* do rio *Itabapoana* até o verde *sopé* da *serra de Paraty*, — *confinando* de um lado com *Espirito-Santo*, *Minas* e *S. Paulo*, e do outro lado abraçada pelo *mar*, caminho largo e franco que a põe em communicação com o resto do *mundo*.

Feliz aquelle que já pôde visitá-la *palmo a palmo*, correndo-a em todas as direcções, parando em todas as suas *ciudades* onde a vida *civilisada* se aperfeiçoa de dia em dia, descendo os seus rios admiraveis que *fluem* entre *ribas* onde uma eterna primavera sorri, entrando o seio das suas

florestas opulentas, galgando as suas *serras* altíssimas, contemplando os seus vastos *campos* onde o *gado pasce* e onde a *cultura* faz abrir-se a terra em um perpetuo *manancial inesgotavel* de riquezas!

A extensa fita do *littoral*, visitada de ponto em ponto, diariamente, pelos pesados *navios a vapor* que se *esfalfam* na *faina do commercio*, desenrolando no ar os pennachos de fumo, e pelos esbeltos *barcos* cujas *velas* graciosamente se enfunam com os ventos *propicios*, — encanta a vista pela variedade infinita dos seus *aspectos*. A principio, ao norte, encurva-se a praia ligeiramente, numa leve *concaidade*, até o ponto em que, aos pés da cidade de *S. João da Barra*, se abre a larga *fos* do rio *Parahyba*. Depois, cheia de *lagôas*, vem até o baixo *cabo de S. Thomé*, que entra no mar cercado de *alagadiços*; cava-se, para dar passagem ás aguas do rio *Macahé*; vem depois recortando-se em bellas *bahias* até o cabo dos *Buzios*, alto e *rochoso*, abrigando um *ancoradouro* amplo; desce, coberta de brancas *areias* e ericada de longas pontas de *rochas*, até o *Cabo-Frio*, — immensa sentinella, guarda avançada do *littoral*, que *orienta* os navegantes com o seu *farol* suspenso a trezentos metros acima do nivel do mar; vem ter depois aos muros de *granito*, aos contrafortes da *serra dos Orgãos* que marcam a entrada do porto do *Rio de Janeiro*; e agora aqui está a maravilhosa bahia, larga como um mar, e cercada de serranias *acastelladas* umas sobre outras, dominando os *outeiros*, e guardada, á entrada, pelos dois gigantescos vultos do *Pão de Assucar* e do *Pico*, recortada de formosíssimas *enseadas*, dando abrigo aos navios que a procuram vindos de todos os pontos da Terra.

Vêde agora a *costa*, a partir do Rio de Janeiro, *escarpada* e arenosa sempre, descendo até a ponta

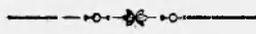
Cairússú, e vêde-a acabar, coberta de *matta* verde, na ponta da *Trindade*, ao pé da serra do *Paraty*. É, de norte a sul, imaginae que estupenda profusão de *ilhas* e de *ilhotas*, á vista da terra, verdes e bel'as, como *esmeraldas* cravadas na superfície mobil das aguas.

No interior, ainda mais bello é o aspecto deste encantado pedaço do *continente* americano. Aqui, baixa e coberta de amplas *lagunas*; alli, plana e fertil, banhada pelas aguas dos rios fecundantes; além, elevada, subindo em montes de uma vegetação luxuriante,—esta vasta porção de terra, que occupa na *carta geographica* do Brazil uma superfície de quarenta mil e quatrocentos e vinte e sete kilometros quadrados, tem a mais opulenta flora e a mais rica fauna imaginaveis. Vêde a serra dos *Orgãos*, alteando, perto da bahia do Rio de Janeiro, o seu pico majestoso, e, muito mais longe, na serra da *Mantiqueira*, o *Itatiaia*, cujo cimo, erguido a mais de dois mil e setecentos metros, vive embuçado em *nevoas* que fulguram ao sol... Vêde, (para sómente citar um grande rio) o curso longo e accidentado do *Parahyba*, nascido nos altos campos da *Bocaina*, apressando de legua em legua a correnteza, ora precipitado em *cachoeiras* rapidas entre montes apertados, ora largamente espraído e navegavel, pouco a pouco engrossado pelas aguas do *Parahybuna*, do *Rio Preto*, do *Pomba*, do *Muriahé*, do *Pirahy*, e vindo cahir no oceano, depois de haver generosamente refrescado e fertilizado todo o seio da terra fluminense... Admirae a singular mistura de *mattas* e de *campos*,—aquellas carregadas de uma vegetação perenne, a cujo *viço* parece impossivel que a terra, mesmo sendo uma das mais fortes do mundo, consiga fornecer alimento, — e estes sempre cobertos de verdura, ainda quando os calores da *sécca* os castigam e

requeimam antes das grandes *chuvas* do anno. E imaginae que infinita palpação de vidas, que inenarravel desdobramento de existencias várias ha no seio de toda essa Natureza opulenta,—desde os *collossos vegetaes* até as humildes plantas rasteiras, desde os grandes animaes *quadrupedes* que abalam a terra com o passo pesado, até os pequeninos *insectos* que rastejam no chão e as leves *borboletas* que vagam de flor em flor !

Esta é a Terra Fluminense, um dos mais bellos trechos da grande Patria Brasileira.

Para explorar a sua riqueza, para a amar, para a aproveitar—ha o homem, seu filho, — não já o homem selvagem que os navegantes de Portugal vieram encontrar, nem o homem escravo que o sentimento do captiveiro opprimia e desmoralisava, mas o homem livre e intelligente, aparelhado para a lucta e tendo a consciencia do seu valor moral e a *presciencia* do futuro grandioso da terra que lhe foi berço.



II

O homem

Os *intrepidos navegadores* que, por tão feliz acaso, *desviando-se do rumo* que levavam, *surgiram*, na doce manhã de maio de 1500, deante das terras virgens do Brazil, *alongando* os olhos *maravilhados* pelas *alvissimas costas* que, ao fim das areias, todas se vestiam de *verdura*, imaginaram estar *contemplando* um continente novo, quando tinham ante os olhos velhas terras, as que primeiro, talvez, *emergiram* das aguas.

Aquelle *arvoredo viçoso* que a *viração* de leve *balouçava*, *brotára* sobre o *nateiro do diluvio* quando ainda, em outras *paragens*, tudo era *balseiro* e silencio. Aquellas *esbeltas collinas* finalmente *avelludadas* pela *relva*, douradas pelo sol do *equador*, pareciam ainda humidas da *inundação*, e longe, num *magnifico* azul que mais parecia do céu que da terra, avultavam as montanhas, *forradas* pelas florestas fortes.

O *autochtone* não nos *legou* a *lenda da Génese*. Quaes foram os primeiros homens deste Paraiso? não nol-o diz a terra *explorada* nas suas *cavernas funebres*, não nol-o diz a historia, e se alguma cousa possuímos com relação ao diluvio no *folk-lore* selvagem, é a *lenda* de Tamandaré que, a conselho dos *piagas* buscou para *refugio* a *coma* de uma palmeira, alimentando-se dos

brótos das palmas enquanto a terra *inundada* não lhe permittia descer. Ha tambem a lenda dos Pamarys, do Purús, na qual se diz que, com a *cheia*, Uaçú e Sofara subiram á *grimpa* de uma palmeira e alli viveram, e quando, baixando as aguas, *pisaram terreno firme*, não encontraram *ser vivo* de quantos haviam *precipitadamente galgado* a montanha, porque todos *pereceram* de fome ou de frio. Por isso, guardando a *memoria* do *cataclysmo*, os Pamarys *previdentes*, receosos de um novo *diluvio*, entenderam que deviam edificar nos rios, sobre *balsas*, dizendo : « Assim, quando as aguas subirem, nós subiremos com ellas. »

Se não conhecemos o *typo primitivo*, se não podemos *affirmar* qual seja a *origem* do homem *brazilico*, viram-no os que saltaram em terra, e, *resumidamente*, vamos *tentar recompor-lhe* a vida e a historia.

Foi a 1 de janeiro de 1502 que a *flotilha* de D. Nuno Manoel, *valido* do glorioso rei D. Manoel, justamente *cognominado* o « Venturoso », na qual vinha como *piloto* o *florentino* Americo Vesputio, *aportou* ao Rio de Janeiro, *demorando-se* pouco ; tão pouco, que logo se *abriram as vélas* ao vento e a 6 de janeiro *ancoravam as galés afortunadas* deante de Angra dos Reis, indo *fundear* a 20 *defronte* da ilha de S. Sebastião, e a 22 no porto de S. Vicente. Vejamos, porém, o *selvagem* senhor da terra.

Os tamoyos que, na *época* do *descobrimento*, *avassalavam o territorio* desde o *cabo* de São Thomé até Angra dos Reis, eram *válidos e bellicosos*. Viviam em *guerras constantes* com as *tribus* que lhes *ficavam visinhas*, *respeitando* apenas os tupinambás com os quaes muito se *pareciam* não só no *typo physico* como nos *costumes*.

Pensando sempre na *possibilidade* de um *desforço*, edificavam solidamente as suas ocas, defendendo as suas aldeias com uma forte *caçara apuada*, na qual espetavam como *trophéus* as cabeças dos seus inimigos mortos na guerra. Dados á *antropophagia*, devoravam com *festivo alarido* os corpos das suas *victimas*, fazendo *copiosas libações* de *cauí* que as mulheres preparavam para as grandes festas da *tribu*. Tão *habeis* na caça como na pesca, eram tidos como *excellentes* musicos e, a bem dizer, possuíam o *sentimento dramático*, visto que nas suas dansas, de um *heroismo barbaro*, *rememoravam* as suas *victorias* ou os seus *feitos arriscados* na terra e nas aguas. *Varando o labio inferior*, *atravessavam-no* com um osso, e, nos dias *solemnes*, *brandindo* as suas *maças*, *empunhando* os *arcos resistentes*, *bailavam* enfeitados de *pennas vistosas*.

Os goytacazes, seus inimigos, senhores das planícies de Campos, eram valentes. Homens fortes, de grande *agilidade*, quando appareciam em campo, *bradando*, *pintados* com a tinta *instillada* pelo genipapo, *impunham-se* ao inimigo.

Os guayanazes, porém, que viviam *mansamente* em *cavernas*, *ao longo do littoral* de Angra, eram *meigos*; *contentavam-se* com o que lhes davam as aguas e as mattas, e *mantinham* fogos *deante* das habitações, os quaes, *assustando* as *feras* durante a noite, serviam no dia para *cozer* os alimentos. Atacados, defendiam-se, mas sempre a *victoria* dava *preferencia* aos seus *terriveis rivaes*.

Alliando-se aos francezes de Villegaignon contra os portuguezes de Mem de Sá, os tamoyos *prestaram-lhes relevantissimos* serviços, e quando, em 1555, o *calvinista* se apoderou da *bahia* do Rio de Janeiro, *fortificando* a ilha das Palmeiras que, *em memoria* do facto, passou a chamar-se

Villegaignon, teve como *aliados* os tamoyos que, no *combate* com os portuguezes, foram de uma *bravura inexcedivel* posto que a victoria lhes fugisse.

Foi em *acção de graças* por esse *triumpho* que aos ares subiu, pela primeira vez, o *fumo* dos *thuribulos*, e o doce azul fluminense fez de *abobada* sobre o primeiro altar christão no qual foi rezada a primeira missa. A 1 de março de 1566, partindo Estacio de Sá do porto de Bertióga com *diminuta frota* na qual viajava, como *missionario*, José de Anchieta, desembarcou na *fralda* do Pão de Assucar, á entrada da barra, começando logo, com seus homens, a levantar as primeiras *fortificações* e uma igreja coberta de palha. Essa povoação foi chamada « Villa », « Villa Velha » mais tarde quando os seus fundadores começaram a *internar-se*. A 6 de março, porém, francezes e tamoyos *investiram* com os portuguezes querendo *desalojar-os*, mas, *duramente recebidos, recuaram*, deixando muitas victimas; longe de *desanimarem*, como se as *successivas derrotas* lhes dessem maior *sanha*, *tornaram* varias vezes, até que fizeram uma *retirada*, deixando em *calma aparente* o *burgo* que se levantava. Desapparecendo os inimigos, Estacio de Sá, que os não julgava *cobardes, senão astutos*, previu logo que *tramavam* alguma *surpresa* e, para *vigial-os*, mandou sahir Belchior de Azeredo com pequeno numero de barcos *tripulados* pelos *reinões*, e sendo os tamoyos encontrados, soffreram novo *revés*. Por fim, certo de que o indio tão *encarniçado* andava, porque não só o *protegiam* como ainda o *incitavam* os francezes, contra elles *resolveu* partir e fez-se de viagem, encontrando o inimigo que foi *desbaratado*. Voltando-se então contra os tamoyos, *arrazou-lhes* as *aldeias*, *levando-os* *acossados*

até o mais *profundo* das mattas, de onde, de novo, tornaram para novos *ataques*, sendo sempre *repellidos*. E assim o *aborigene*, senhor *absoluto* das terras verdes, foi *recuando* de campo em campo, de monte em monte e, *arrancadas* as *caiçaras* das suas *tabas*, *alvejaram* os primeiros muros, e os campos *bravos*, *sulcados* pelos *arados*, receberam dos *semeadores* as primeiras *sementes*.



III

O carro de bois

Eil-o, o *primitivo vehiculo* da *familia humana*.
Vae *lento*, como se os animaes que o *arrastam*
tenham vindo com elle dos *remotos seculos* até
hoje, para que vissemos o *rude* trabalho do *an-*
cestral peregrino.

E' simples e solida a *construcção* do carro: um
pesado *solho*, duas rodas *compactas* sobre um
eixo de madeira, grosso *varal* que os *carreiros*
chamam travessão, a *canga* e os *fueiros fncados*
frente a frente para apoio da carga, servindo, em
viagem, como *supportes* do *colmo* que protege a
familia e os *viveres*.

Esse é o carro de *transporte*. Nas *migrações*
antigas iam nelle não sómente as mulheres e as
creanças, os enfermos e os velhos, como tambem
os ferros da *tribu*, a *ferramenta pacifica* e a
lança *offensiva*, a imagem do Deus *patrono* e as
sementes.

Rodando pelas estradas *chia*, como annun-
ciando-se, e dá uma vida *poetica* á *paizagem*,
solavancando pelos *atoleiros*, *equilibrando-se* á
beira dos *precipicios*, ou ganhando as *ingremes*
ladeiras com *aturado esforço* dos animaes *sub-*
missos que, *esticando* os pescoços fortes, *cra-*
vando as patas na terra, *arrancam* a pesadissima

carga, *incitados* pelos carreiros que os ameaçam com a *aguilhada* ou lhes *amenisam* a *fadiga*, cantando *trovas campestinas*.

Esse é o carro *rudimentar*; nelle Jacob *alquebrado* e quasi cego, quando a fome chegou á *fertil* Mesopotamia, *transportou-se* ao paiz de Mizraim, onde José, elevado ao posto de *intendente*, *distribuia* o trigo que havia *accumulado*. Ainda hoje, no interior das terras, vemol-o passar *tirado* por cinco ou seis *juntas* de bois, carregado de lenha, *atulado* de canna, de café, de mandioca, de fructas; ou com uma familia que se transporta de um logar para outro, levando de mudança o oratorio e o leito.

Já as estradas de ferro *colleiam* pelas *villas* e na agua dos rios *espadanam* as rodas dos vapores, e ainda *persiste* o carro primitivo, forte bastante para *affrontar* os *andurriaes* e os *fossos*.

E' elle que traz da roça para os *paioes* as riquezas da terra, é elle que vae *despejar* nos armazens das estradas a *colheita* do lavrador, é elle que conduz os noivos ao templo, ao *alarido* festivo da *boda*, por entre *descantes* e *tangeres*; nelle *tambem vage* a creança levada ao baptismo, e não raro, á hora roxa da tarde, com um triste e calado *cortejo* de *rusticos*, desce nelle o *esquife* de um lavrador pobre, o mesmo carreiro ás vezes dono dos bois que outro leva pelos caminhos *fragrantes*.

Não é sómente um *conductor* dos presentes do *outomno*, é *tambem* um vehiculo sagrado que leva as almas para os *sacramentos*, esse carro *rural* que parece uma *reliquia* conservada no campo pelo homem.



IV

Os Rios

Traz do berço, que fica nos campos abundantes da Bocaina, a 1.500 metros acima do *nível* do mar, o nome de Parahytinga, esse formoso rio que as *musas* teem cantado sob o nome de Parahyba, que é o que lhe fica desde que alcança o Parahybuna até que, depois de um percurso de 1059 kilometros, se despeja no mar por duas boccas chamadas as barras do Parahyba e do Gargalin, em S. João da Barra.

Os seus principaes *affluentes* são, pela *margem* esquerda, o Guararema, o Jaguary, o Parahybuna, vindo de Minas Geraes, e *engrossado* pelas aguas do rio Preto; o Pomba que *desagua* acima de S. Fidelis; o Muriahé que faz *barra* pouco acima da cidade de Campos; pela *margem* direita, o Pirahy, o Piabanha e o Dois Rios, formado pelos Rio Grande e Rio Negro.

Tem este rio, que é a *principal arteria* do Estado, duas *secções praticaveis* pelos barcos a vapor: a que fica entre Cachoeira e Quiririm e a que fica entre S. Fidelis e o oceano.

Atravessando *longitudinalmente* o extenso territorio fluminense, o Parahyba espalha os beneficios da sua *rega* fecundante e *abébéra* as povoações que lhe ficam á *margem*.

Vindo por elle abaixo em uma canôa de pescador (que são muitas as que se aventuram nesse rio tão salteado de pedras, em torno das quaes a agua escura ferve em *cachões* quando não se arroja em *rapidos* e em *saltos*), tem a gente inenarraveis surpresas, quer de paizagens vastas ao longo das margens, recobertas de verdura, quer nas *barrancas* das quaes varias plantas se debruçam sobre a correnteza, que não só lhes refresca as raizes, como ainda lhes molha os galhos derreados.

Nas ilhas apparecem os *colmados* dos pescadores e, á beira da agua, além da *piróga* que vae vencendo os *remoinhos* e os *olheirões*, outras repou-sam cobertas de folhas ou sob *tejupás de sapê*. Quantos ribeirões e corregos se precipitam como tributarios no grande rio ! Elle desce, recolhendo toda a agua que mana na visinhança do seu curso ; é para elle que as fontes minam ; é para elle que os rochedos derivam e as *cascatas* se despenham das serras. Ferve nelle, em cardumes, o saboroso pescado, e a sua agua, posto que de aspecto desagradavel porque tem a cor barrenta, é deliciosa ; e bebem-na, depois de uma conserva em grandes talhas de barro, nas quaes atura annos sem se deteriorar, os que vivem na sua visinhança. Quantos beneficios tira o homem dessas veias da terra !

Deixemos o *rio caudal*. Vejamos o *ribeiro* : é escasso ; emtanto, desviadas pelo trabalhador, lá vão as suas aguas movendo o moinho e abebe-rando o gado ; mais adeante é lavadouro, e ainda faz trabalhar a machina do oleiro. Já alli, num *remanso*, á sombra fresca e recatada, nadam creanças, e lá vae elle, sussurrando sempre, a espalhar o seu favor como operario, auxiliando o homem no seu trabalho, mas sempre regando o campo para revigoral-o, até que se entorna no

açude reprezado ou entra na larga correnteza do rio e vae com elle ao mar fazer-se vaga e *escarcéo*.

Sobre as aguas atira o homem a ponte, ligando as margens, e desfilam *récuas*, e transitam viandantes, e, pelos *viaductos*, o comboio passa vertiginosamente, desapparecendo nos campos ou na bocca immensa dos *tunneis*.

A' tarde bandos innumeraveis de aves buscam as aguas e bebem, desferindo o vôo para os ninhos logo que se dessedentam, e á noite, quando o luar faz de prata as aguas crespas do rio, as *capivaras* veem á tona, arrastando-se ariscamente até as margens onde ficam extasiadamente contemplando o céu: mas mergulham com pressa, se presentem o mais leve fremito, ás vezes um simples bolir de folha... Não raro, porém, o caçador que está á espreita, de arma prompta, vara-as, e ellas ficam *estrebuchando*, luctando nas *vascas da morte* não para se defenderem, mas para que possam acabar no fundo das suas aguas amadas.

E o rio, com a sua melodia perpetua, correndo, vae passando pelas villas e pelas cidades adormecidas, até alcançar o seu *tumulo*, que é o mar.



A primeira estrada de ferro

Foi em dezembro de 1856 que a primeira *locomotiva*, sobre os *trilhos* novos que esplendiam ao sol, correu livremente pela terra brasileira, desenrolando no ar o seu pennacho de fumaça. Não mais, agora, as tardas caminhadas a pé ou a cavallo, pelas *leguas* e *leguas* das estradas poeirentas! não mais, agora, o passo moroso dos bois, arrastando o carro pesado, cujas rodas largas batiam contra os *calhãos*, cravavam-se nos *barrocaes*, atolavam-se nos *alagadiços*. Agora, para a expansão do *commercio* e da vida, para a marcha triumphal da civilisação, *desbravando* os caminhos, animando o trabalho, povoando a solidão,—começava a época nova. *Arquejando* e *bufando*, a primeira locomotiva que se movia no Brazil sahiu gloriosamente do *porto de Mauá*, naquella bella manhã de dezembro, e foi parar, docilmente submettida ao mando do *machinista*, no sopé da Serra da Estrella. Estava inaugurada a primeira estrada de ferro, que *Irinéo Evangelista de Souza, visconde de Mauá*, construiu, numa extensão de dezoito kilometros, ao longo de um trecho da fertilissima terra fluminense. E a montanha, com os seus echos longos, repercutindo pelas *quebradas*, repetia os *silvos* da poderosa machina.

Lá em cima, no *vertice* da serra, já a vida civilizada se expandia. Já lá estava *Petropolis*, que, como por encanto, surgira em 1845 das terras que dois mil colonos *tedescos* começaram a cultivar na cumiada do monte virgem. Agora, para chegar á risonha cidade que dominava, como *rainha*, toda a admiravel extensão dos *arredores* verdes, a unica difficuldade era *galgar* a *lombada* da serra pelas *veredas* cavadas entre os *massiços* da vegetação, — troncos robustos de arvores, ligados pelo *emmaranhamento* dos *cipós* e das *trepadeiras*, sacudindo no alto as folhagens *pennadas* do *jacarandá*, as *comas* das *sapucaias* esmaltadas de grandes flores brancas, e os *tufos* das flores rôxas da *quaresma*... Mas bem depressa a locomotiva, heroicamente trepando a serra, supprimiu a fadiga da ascensão a pé ou a cavallo: em 1882, a estrada de ferro *Gram-Pará* começou a ser prolongada até *Petropolis*. E á Patria Fluminense coube a gloria de ter sido a parte do Brazil em que primeiro se assentou o verdadeiro *alicerce* do progresso commercial e industrial — a *via-ferrea*, que supprime as distancias, estreitando as communicações do trabalho.

Estava dado o primeiro passo. E foi depois do successo dessa tentativa gloriosa que por todo o territorio do Estado se estendeu a immensa rede de linhas, torcendo-se para o *Norte*, para o *Sul*, para *Leste* e para *Oeste*, cruzando-se como os fios da *teia* de um infinito *aranhol*.

VI

O velho trabalhador

No alto do morro, que *demorava a cavalleiro* da fazenda, ficava a casinha do velho preto, do velho e meigo João, — tão velho que já não podia andar e que já todos os seus dentes tinham cahido.

A casa era uma *tóca*, entre arvores velhas como elle, no meio da verdura das folhagens que abrigavam caridosamente aquelle *centenario*, que a morte parecia ter esquecido no lindo *recanto* do sertão fluminense. *Pae João*, como o chamavam todos, envelhecêra no trabalho. Por muitos e muitos annos *a fio*, os seus braços empunharam a enxada, *beneficiando a terra*. Tinha visto, pouco a pouco, transformarem-se os logares de incultos em productivos, e conhecera toda a gente que por alli passára: já era homem feito quando os velhos de hoje eram ainda meninos, correndo ás soltas pelos campos; vira nascer e morrer muita gente, vira a propriedade da fazenda passar de senhor a senhor. Agora, havia muito tempo que não trabalhava: a gratidão dos donos da terra, porém, reservára-lhe aquelle calmo retiro, ultimo abrigo de toda uma vida de labor e dedicação.

Logo ao clarear da madrugada, pae João sahia, arrastando-se, da sua cabana, e vinha sentar-se á porta, no rustico banco de páu. Ahi já o

encontravam os primeiros raios do sol, beijando-lhe a cabeça toda emmaranhada de duros cabellos, alvos como a neve. Em torno, a paisagem esplendia. A encosta da collina, docemente, até o valle em que assentavam as casas da fazenda, descia atapetada de uma relva espessa. Lá estavam, longe, as casas dos colonos, os *paiões*, as grandes casas das machinas, a capella pequena e branca, e, cercando tudo, de um lado, as plantações ricas, e, de outro lado, o campo vasto, em que o gado passeava, numeroso e *nédio*. O velho preto, magro e tremulo, sentava-se, cruzava no collo as mãos descarnadas, e começava a acompanhar com amor a agitação de todo aquelle trabalho que já não era para o seu corpo sem forças. Dalli via elle a partida matinal para o campo,— o bando alegre dos lavradores fortes, enchendo com a vozeria de suas cantigas a amplidão do céu. Dalli ouvia elle o toque da sineta, transmittindo ordens, marcando as horas das refeições e do descanso.

Eram as creanças da fazenda que lhe traziam a comida: e pae João, comendo, ia, com a voz fraca, dizendo historias ingenuas, que os pequenos escutavam com delicia. Depois dormia, á sombra, enquanto as virações embalavam docemente as arvores, e as borboletas andavam revoando sobre a cabeça do *ancião*. Parecia assim o *genio tutelar* da fazenda, aquelle bom velho que a vira nascer, crescer e prosperar.

Ao anoitecer, recolhia-se: mas, não raro, por noites claras, quando a lua brilhava no céu, vinha a gente de baixo conversar com elle, e dos seus labios ouvir a historia viva daquelles sitios; e muitos colonos brancos, vindos de longes paizes, gostavam de receber as lições e os conselhos do antigo escravo.

Foi numa noite dessas que conversei com elle, no alto do morro, ouvindo embaixo, nas casas dos colonos, a musica das *sanfonas* e das *violas*.

—Você, em toda essa vida tão comprida, deve ter soffrido muito, hein, pae João?—perguntei com interesse.

Elle levantou para mim os olhos quasi apagados, e teve um sorriso. Depois começou a fallar, como um pobre preto ignorante que era. Não guardei na memoria as suas palavras, mas guardei o sentido do que ellas queriam dizer:

— Toda a gente soffre neste mundo, moço ! mas eu não tenho muita razão de queixa... E' verdade que, nos primeiros tempos, tive de chorar bastante, com *saudade* da minha terra... e, depois, o captiveiro, no tempo em que havia isso, era uma grande maldade. Mas, se houve senhores máus que castigavam barbaramente os captivos, também houve senhores bons que não gostavam de ver o soffrimento delles..... Eu fui um dos primeiros homens que trabalharam aqui. Quando vim, tudo isto era matto. Aqui gastei a minha mocidade. Mas, logo depois, fiquei livre, e fui um amigo daquelle de quem tinha sido escravo. Era o homem de confiança delle : só no meu trabalho é que o senhor tinha fé. Tive filhos: quando houve a guerra do Paraguay, dois dos meus filhos, já livres, foram brigados com *a gente do Lopes* ; um ficou por lá, varado de balas ; mas o outro voltou, e morreu velho, nos meus braços, deixando-me cheio de netos... Esses netos andam por ahi, ganhando a sua vida, como os brancos, sustentando as familias, trabalhando para si e para os seus. Que saudade eu poderia ter agora da *Africa*, de onde vim creança ? A minha terra é esta, onde me fiz homem, esta que conheço bem, esta que eu *lavrei* enquanto tive forças, e que ainda hoje,

para me pagar o bem que lhe fiz, me dá a sombra das suas arvores e a comida que me sustenta... Todo o mundo soffre nesta vida, moço! Mas outros soffreram mais do que eu... Por isso é que não me queixo! Deus Nosso Senhor não quiz que eu acabasse os meus dias na miseria, sósi-nho, sem ter quem me dêsse um pedaço de pão e quem me fechasse os olhos na hora da morte. Que é que posso querer mais? Toda gente daqui é minha amiga; toda a gente sabe que o coitado do pae João nunca fez mal a ninguem... Também todo o povo vem sempre saber como vae o velho. Ah! só tenho medo da morte, porque ella me ha-de tirar deste cantinho que amo tanto! Não soffri muito, não, moço, porque fui sempre trabalhador, e o trabalho faz a gente feliz...

Eu, ouvindo pae João, pensava em todo o seu passado... Allí estava um homem que déra tudo á terra querida: déra-lhe o suor do seu rosto, o melhor da sua vida, toda a força do seu corpo e todo o amor da sua alma, e déra-lhe ainda o sangue dos seus filhos... E, agora, já quasi morto, ainda a amava como nos primeiros tempos; e a sua mão, cançada e tremula, estendida sobre os campos, parecia abençoal-os, num gesto derradeiro de protecção e de carinho.

VII

O colono

Era dia de descanso no grande *engenho*. Todas as machinas estavam paradas, todos os instrumentos de trabalho guardados. A missa findára. Da capella, em bandos alegres, vestindo as suas melhores roupas, saham as familias, para o passeio e o folguedo.

Sósinho, ficando os cotovellos nos joelhos e repousando a cabeça nas mãos, um colono quasi velho, homem robusto ainda, em cuja cabelleira *ruiva* começavam a apparecer os primeiros cabellos brancos, scismava, alheiado de tudo, insensivel ao barulho de festa que ia pelas casas da colonia.

Formosa, aquella manhã ! No fundo azul do céu recortavam-se as montanhas de um verde quente, e á beira do riacho que cantava, sobre as *hervas rasteiras* esmaltadas de *flores silvestres*, voavam passaros, tontos de tanta luz. O sol dava um brilho novo ás vidraças das casas, batia em chapa sobre as *ardosias* dos telhados, e animava toda a paisagem de uma alegria communicativa que se apoderava de todas as almas. Era domingo. As ultimas pancadas festivas do sino morriam docemente na paz risonha do arredor. Mas o colono continuava a scismar, sósinho, afastado da gente que se divertia...

E' que por um dia como aquelle (havia justamente dez annos!) sahira elle da sua *aldeia natal*, sob o céo *napolitano*, em busca de terras que com menos avareza recompensassem a fadiga do seu trabalho. De certo não se arrependia daquella resolução. Novas terras, nova natureza, gente nova, dias de febre e de esperança primeiro, dias de conforto e de fartura depois, não lhe permittiram nem lhe permittiam o desejo de voltar a soffrer em vão, sem proveito, sobre a terra ingrata que não tinha pão para dar á tanta gente que lh'o pedia... Mas, ninguem esquece a sua terra, por mais pobre, por mais triste que ella seja. E, agora, o colono lembrava-se do dia em que sahiu de lá, e das creanças núas e espartas que se arrastavam no pó, e dos velhos que ficavam á porta, apoiados aos *bordões*, e dos rapazes que o sol queimava, e das raparigas robustas que iam com elles para o penoso officio das lavouras. E uma grande tristeza lhe pesava sobre o coração cheio de saudades...

Mas alguém se approximava. Era uma forte mulher, ainda no verdor da idade, trazendo ao collo uma creança. Chegou, pousou a mão sobre o hombro do colono que *se absorvia na meditação*, e chamou-o;

— Que é isso, pae? já o procurámos por toda a parte... que tem? porque foge de nós, num dia como este, e vem para aqui com a sua tristeza?...

— E' por causa justamente do dia de hoje que me vês triste, filha! é possível que não te tenhas lembrado de que foi neste dia, ha dez annos, que sahimos da nossa terra?

Uma nuvem de *melancolia* sombreou a face da rapariga. Esteve, durante alguns segundos, calada, ageitando a ponta do *chale*, para livrar dos raios do sol o rosto do pequenino que dormia.

Depois, olhando com amor a face triste do pae, respondeu :

— Como não havia de me lembrar, pae?! Logo de madrugada, comecei a pensar nisso... Estive revivendo o dia em que sahi de lá, solteira ainda, deixando as companheiras dos meus brinquedos de creança... Estive contemplando, na imaginação, o cemiterio pequeno, todo branco, em que está a sepultura de minha mãe. Como é que eu poderia não ter saudades?! Mas, calei-me e disfarcei, para não lhe dar essa magoa, pae... pensei que não se lembrasse...

— Lembro-me, filha, lembro-me bem! quem esquece a sua terra não tem coração...

Ficaram calados ambos. Depois, a filha continuou :

— Mas, escute, pae!. porque ha-de ficar triste? mais vale esquecer, e viver feliz, gosando a fortuna que Deus e o seu trabalho lhe estão dando aqui. Olhe! eu, por mim, estou disposta a não pensar mais nisso: foi aqui que vi felizes todos os meus, foi aqui que casei, foi aqui que nasceu o meu filho, o seu neto... porque é que não hei-de amar esta terra, como se ella fosse a minha?

O colono olhou fixamente a filha :

— Como? pois tu és capaz de esquecer a tua terra?

Ella hesitou; mas, logo em seguida, com a voz firme, disse :

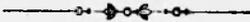
— Não! esquecer não posso... não posso... Mas, diga-me: a terra de lá é que é a sua e é que é a minha... mas qual é a desta creança que aqui está, que nasceu aqui, que vae crescer, ignorando a lingua que nós mesmos já vamos esquecendo, vendo unicamente, todos os dias, da *infancia* à *idade madura*, esta patria da liberdade e da riqueza? Olhe! veja como elle bate palmas, contente, a este sol que o viu nascer!

A creança acordára. Piscava os olhinhos, entre as *palpebras* gordas, e agitava-se, rindo, no collo da rapariga. O homem sentiu os olhos humidos, e, tomando a creança nos braços, disse :

— Tens razão, filha ! esta é a terra do teu filho, esta é a patria do meu neto... porque é que não ha de ser tambem a nossa terra ?

E, alegre, levantando e abaixando a creança, fazendo-a sacudir no ar as perninhas papudas, começou a brincar com ella, e a dizer-lhe, com o seu *accento napolitano* :

— Bravo, brazileirinho ! bravo, brazileirinho !...



VIII

Os trez grãos de milho

Branca, muito branca, alva como o luar *bem-dito*, *encarquilhada* e tremula de velhice, andava de *sitio em sitio*, lenta e *solitaria*, a cabecinha núa, também branca como um *casúlo* de algodão maduro. Pobre, vestia com simplicidade: uma saia de chita e um chale escuro, *agasalhando o busto*. Não tinha roça — bebia nas fontes frescas, dormia onde a noite a achava; mas que velhice alegre a da velhinha!

Que rumor quando a viam e que festas nas casas quando ella apparecia! E como não haviam de estimal-a, se ella sabia rezas com que *alentava* as creancinhas que o *quebranto abatia*, se era ella quem rezava sobre as terras semeadas e o gado enfermo, e, nos tempos *funestos de calamidades*, era ella quem sahia, *precedendo a turba*, *entoando hymnos de misericordia* a Deus?

Quem como ella para contar historias? Quem as sabia mais bellas? E nas *xacaras* antigas como cantava docemente, tristemente, os versos apaixonados das princezas pallidas e as respostas crueis dos reis *carrascos*! E sempre *rematava*, e com que graça! «que trouxera da festa da princeza um *covilhet* de fructas e um *farnel* de doces para os pequeninos que a ouviam, mas, em caminho, tropeçando (e desculpava-se com a sua velhice) perdêra todos os presentes...»

Os pequeninos riam, e logo, batendo as palmas, pediam-lhe nova historia; e ella, meiga, *repu-xando* o chale para *abafar* o peito, começava outra *narracão* pelas mesmas palavras: «Era uma vez...»

Apertava-se mais a roda das creanças, abriam-se desmedidamente os olhos innocentes, e a vizinha da velha, fina e *cadenciada*, *vibrava* no silencio *attencioso* da *assembléa infantil*.

De todas, porém, a mais bella das historias era a que ella chamava dos «Trez grãos de milho». E que novo *sabor* lhe acharieis, se vol-a pudessemos contar com as mesmas palavras, com as mesmas *imagens* de que ella se servia, fazendo, ao mesmo tempo, a *descripção* das terras que ficam á beira da formosa lagôa de Araruama!

Quanta poesia a boa velha sabia dar á *narrativa*, interrompendo-se para *descrever* a passagem suave de uma canôa nas aguas lisas, ou a descida dos *patos* e das *garças* á margem da *remansada* bacia que tem uma rival (não em belleza, no dizer da velha), em Campos, na Lagôa Feia...

Mas, vejamos a historia curta e simples:

«Certo rapaz que fôra, desde a infancia, o *mimo* dos paes, perdendo-os achou-se só no mundo, tendo, como fortuna, as terras do sitio e um grande paiol de milho, tão *abarrotado* que até as vigas do tecto chegava a *prodigiosa colheita*. Julgando o rapaz que nunca se *esgotaria* tamanha *provisão*, sendo *indolente*, deixou-se ficar em casa, a comer e a dormir, vendendo, a quem o buscava, o milho que lhe ficára.

Sem *cultura*, as terras foram perdendo o *vigo*; e o matto, crescendo *vigoroso*, em pouco *suffocou* as *sementeiras*.

Uma manhã, ainda nos dias *fartos*, estava o soberbo e preguiçoso herdeiro a balançar-se na rêde, quando um pobre homem passou, pedindo esmola. Era um desgraçado que habitava na vizinhança, tendo apenas a cabana e dois palmos de terra.

O rapaz, ouvindo a voz do pobre, longe de *comiserar-se*, sorriu, e, por esmola, com desprezo, atirou ao infeliz tres grãos de milho. Foi-se o pobre sem dizer palavra e o moço ficou-se a rir, balançando-se na rêde.

Correram tempos. Já o matto bravo chegava á casa, e o preguiçoso, contando sempre com o paiol de milho, vivia *descuidada e regaladamente*, quando, *recorrendo* ao seu *celleiro*, achou-o *desprovido*, porque tudo havia passado ás mãos dos compradores.

Só então, compreendendo a sua *miseria* e sem animo de atirar-se ao trabalho, *descoroadado*, poz-se a *bradar* contra a sorte,— quando viu chegar, em formoso cavallo, um homem corado e forte, que, ao dar com elle em tão *afflictiva situação*, *deteve* o animal e interrogou-o:

— Que tendes? Porque assim vos *desesperaes*?

— Morro á fome! soluçou o infeliz. Morro á fome! Tinha um sitio *fertil* e aservas más o tomaram! Tinha um paiol de milho, e foi-se!... Nada mais tenho!

— A culpa é vossa, disse o homem, porque, *julgando* que nunca acabaria a *herança* dos vossos paes, *abandonastes* a terra que *dantes* não *negava* fructos. Se não vos sentis com animo para cuidar do sitio, vendei-m'o; a mim darão bom *premio* estas terras *esterilizadas*, e, como ficam no *limite* do meu sitio, faz-me conta compral-as para *dilatar* as minhas plantações. Entremos num *ajuste*. E combinaram.

25252
1946

Justamente no dia em que o rapaz recebia do homem o *preço* do seu sitio, perguntou-lhe o comprador: « Sabeis com que dinheiro vos pago as terras que dos vossos herdastes? com o que me deram os trez grãos de milho que *desprezivelmente* me atirastes. Levei-os commigo á casa e, *cavando* com as minhas mãos, á falta de *ferramenta*, dei-os á terra que m'os *devolveu multiplicados*; plantando os que vieram, consegui um *canteiro*, deu-me o canteiro uma roça, deu-me a roça um campo, e fui sempre *trocando* os *lucros* por novos *beneficios*: primeiro em sementes, depois em gado, depois em machinas, e hoje já com elles *adquiro* as terras de onde sahiu o precioso *capital* com que comecei a vida. Vêde agora o que fiz com trez grãos de milho e um pouco de trabalho; e *comparae* com o que vos aconteceu, não obstante haverdes *possuido* terras e um paiol que, de tão cheio, os muros *estalavam*. De que vale a fortuna mal *guiada*?!» E sem mais dizer, o lavrador montou a cavallo, e foi-se, deixando o pobre rapaz humilhado e maravilhado.

« Vêde bem, meus filhos, vêde bem, (concluia a velha) não vos *fieis* na fortuna — o ouro foge e a terra é um *cofre* que *devolve centuplicado* o que se lhe *confia*. Com trez grãos de milho, trabalho e *perseverança*, o pobre conseguiu fortuna; e o rico, porque abriu todas as *comportas*, ficando em preguiçoso abandono, não viu *escoar-se* a fortuna, e achou-se *repentinamente* com a miseria.

« Aproveitae o exemplo da historia que me contaram quando eu era bem mocinha e vivia feliz, como uma garça, á margem da agua serena da lagôa de Araruama...»



IX

O café

A principio Portugal não ligou importancia ás terras que Pedro Alvares Cabral descobrira. Communicando aos *reis da Europa* o achado, o rei D. Manoel dizia que o Brazil era « uma ilha mui util para *refrescarem e fazerem aguada* as suas *armadas* da India.» Naquelle tempo, o que attrahia o velho mundo era a *India*, com as suas riquezas phenomenaes. Muitos annos passaram, antes que o commercio da *pimenta da terra*, do *algodão*, das *pelles de animaes*, e, principalmente, do *páu-brazil* (que se vendia na Europa á razão de um ou dois *ducados* por *arroba*) fosse iniciado.

Depois, com o seguimento das expedições, os navegantes começaram a trazer comsigó varias sementes, para que a sua plantação fosse experimentada nas terras mais proximas do mar. E morosamente se ia fazendo esse trabalho, e lentamente se iam desenvolvendo as colonias do littoral, quando a descoberta das primeiras *jazidas de ouro* veio desviar para essa farta nascente de riquezas a ambição de todo o mundo.

Escondido no fundo da terra, estendido em longos *filões* desconhecidos pelo vasto deserto selvagem dos *sertões*, o ouro dormia, á espera da intrepidez dos *aventureiros* que se atrevessem a ir buscal-o. Para chegar ás ricas jazidas mysteriosas, era pre-

ciso ter um grande desamor da vida e um sereno desprezo dos perigos. A Natureza parecia ter propositalmente cercado de um sem numero de sentinellas naturaes, para o resguardar das investidas da ambição humana, o metal precioso.

Os perigos vinham não só da aspereza da terra, como da aspereza das gentes que a povoavam. Sem bussola, sem o menor conhecimento das regiões que iam cruzar, os aventureiros tinham de *vadear* os rios, rodear os *pantanos*, transmontar as serras, podendo apenas orientar-se pelo sol, de dia, e pelas estrellas, á noite.

A vegetação crespa e cerrada, de uma pujança fantastica, tapava o caminho. Dentro dessas florestas espessas, vivia a multidão feroz dos animaes *indomesticaveis* e dos *reptis* venenosos. E mais feroz do que os animaes, havia a innumeravel gente sem civilisação,— os exercitos dos *indios*, defendendo palmo a palmo a sua propriedade, *dizimando* as *bandeiras*, comendo vivos os prisioneiros. E, além da ferocidade dos naturaes, havia ainda a crueldade das *febres malignas*. Mas o interesse podia mais do que os perigos: e as *carravanas* da ambição começaram a internar-se.

Assistiu então o mundo á explosão de uma verdadeira *loucura colectiva*. A *Hespanha*, antes de Portugal, tinha começado a explorar o ouro das suas colonias na *America*: Portugal seguiu o mesmo caminho, explorando as jazidas do Brazil, e o leito dos grandes rios, onde as primeiras *pedras preciosas* já haviam sido encontradas. Durante quasi dois seculos as florestas devoraram milhares e milhares de vidas. Dos aventureiros que partiam, raros voltavam; dos que voltavam, raros voltaram ricos; mas bastava o successo de uma só expedição para animar a organisação de dezenas de outras. Certamente, muito se lucrou com isso: pelos caminhos que seguiam, os exploradores iam

deixando conhecido e estudado o territorio : e assim se formaram as primeiras povoações,— *nucleos geradores*, de onde tinha de sahir mais tarde a Patria Brasileira. Mas todos os outros trabalhos estavam abandonados; e, sem cultivo, estas riquissimas terras ficavam improductivas.

O territorio da Terra Fluminense não foi uma excepção. Visinho do territorio de S. Paulo, de onde com maior actividade partia a exploração dos sertões, e caminho dos que sahiam do grande nucleo colonial que Mem de Sá fundára no Rio de Janeiro, elle foi cruzado em todas as direcções. Mas, pouco lucrou com isso. Só depois de 1750, é que devia começar a sua prosperidade. E a base real dessa prosperidade foi a aquisição do *café*.

Foi provavelmente na *Abyssinia* que se deu o apparecimento primeiro do café. Dahi, passou elle ao *Egypto*, á *Persia*, á *Arabia*. Da *Arabia* foi levado para a *Hollanda*, da *Hollanda* para a *Guyana Hollandesa*, e em 1725, para a *Franceza*. Das *Guyanas* veio ao *Pará* e ao *Maranhão* em 1732, e ahi ficou sendo cultivado com proveito real, existindo no *Pará*, em 1748, mil e setecentos pés da preciosa planta.

Em 1762, entrou o café no Rio de Janeiro. Nesse anno, trouxe o *chancellor* João Alberto Castello Branco algumas sementes que cuidadosamente plantou na *Horta do Hospicio de Jerusalém*, no local em que está hoje aberta a rua *Evaristo da Veiga*. De certo, esse primeiro cultivador do café, vendo a pequenina planta lentamente crescer e ganhar forças, não pôde imaginar que estava assistindo ao desabrochar de toda uma *era* de fartura e felicidade: alli estava, nas debeis folhas, no tenue *caule* daquelle arbusto, palpitando, ainda ignorado, o futuro da nossa terra. O *fructo*, que ia sahir das brancas flores aromaticas do *cafeeiro*, ia dar ao Brazil uma importancia com-

mercial espantosa nos mercados do mundo inteiro.

Dezoito annos ficou essa primeira plantação esquecida na Horta do Hospicio de Jerusalém. Della sahiram as *sementes* com que o padre Antonio Lopes da Fonseca fundou a primeira *fazenda* de café em *Campo Grande*, e com que o Bispo D. José Joaquim Justiniano abasteceu o seu sitio em *Inhaúma*: e já em 1792, fazia o Bispo a sua primeira *colheita* de cento e sessenta *arrobas*.

Uma nova fonte de vida se abria no Brazil: ao trabalho incerto e aventureoso das caçadas do *ouro* e dos *diamantes*, ia succeder o trabalho pertinaz e remunerador da lavoura; a sêde immoderada dos lucros immensos e rapidos cedia o passo á nobre ambição de enriquecer pelo esforço honesto e continuo, pela gloriosa lucta de todos os dias com a terra, pela paciente cultura do solo.

Da fazenda do padre Lopes sahiram as *mudas* para *Resende*, *Areias* e *Arrozal*. Dahi o café subiu as serras que se alteiam no seio da Terra Fluminense, desceu as encostas, alastrou-se pelos valles, tomou conta de todo este solo abençoado, onde a vida se agita numa exuberancia prodigiosa. Foi elle que fundou a vida rural do Estado, congregou os seus filhos nos pontos em que mais activa a cultura prosperava, creou as cidades, e attrahiu os *colonos* que, deixando as terras do *Velho-Mundo* cançadas e ingratas, vieram dar o esforço dos seus braços ás virgens terras generosas. Quando as primeiras colheitas se aprestaram para a exportação, a Terra Fluminense, communicando com o resto do mundo pelas relações do commercio, entrou verdadeiramente na communhão social.

E que leve e deliciosa bebida a que dá o fructo dessa planta bemdita! — *tonifica* o *organismo*, avigora o *sangue*, anima o *cerebro*, esclarece a

intelligencia, levanta as forças que o labor exagerado deprime... Mas, ó leve e deliciosa bebida! não é sómente pelo bem que fazes ao corpo e á alma que os filhos desta terra te devem amar! tu és o vehiculo da nossa hospitalidade...

Assim como nas antigas *populações selvagens* era uso passar de bocca em bocca, pelos *hospedes* que chegavam, o *cachimbo da paz*, — assim, na existencia simples e affectuosa dos nossos campos, a boa gente do trabalho considera o café como o *symbolo* da paz e da amizade. Bebida verdadeiramente nossa, o café, offerecido a quem chega, aos amigos como aos indifferentes, aos conhecidos como aos desconhecidos, revela a boa vontade do dono da casa, e o desejo que o anima de acolher com carinho quem o procura. O mais pobre dos nossos homens do campo, vendo chegar á sua modesta casa o viajante cançado, não lhe pergunta quem é, antes de lhe abrir a porta, e antes de lhe offerecer a chavena em que o café reconfortante *fumega*. E' a primeira manifestação da *amizade*. Com ella se inicia a conversação, com ella se apuram as relações, com ella se estreitam os *laços sociaes*. E assim, sendo a fonte principal da riqueza da terra, ainda o café serve para mostrar a bondade da gente, — bondade natural que se revela pela mais bella das suas formas : o culto fervoroso dos habitos de franca *hospitalidade*.



X

A fazenda

Faz frio. O céu, branco, *listado* de nuvens escuras, parece uma grande *lapide* de marmore. Madrugada *silente* e *baça*. A matta parece um *algodoal* immenso, sob a *neblina* que rola, abandonando as arvores. Galhos apparecem como mastros de navios *naufragados*, *surgem copas*, o nevoeiro *adelgaça-se*, *fluindo*, e foge, céu em fóra, em *ramas*. Os montes *longinquos* teem as *fraldas debruadas* de alvo, outros guardam ainda a *touca* de *bruma*; os mesmos bois que *mugem*, como se, durante a noite, houvessem *aspirado* a *nevoa*, sopram uma *garôa subtil*. As folhas humidas *gottejam*; e a terra orvalhada cheira, como se sahisse de um banho perfumado. Chiam carros, e os *potros*, que dormiram fechados, ganhando a liberdade, saltam e *relincham*.

Faz frio. As nuvens rolam no céu, levadas pelos ventos altos; *piam* rôlas tristonhas e andorinhas fogem do *beiral* das telhas, *trinçando* alegremente. Andam a *ordenhar* as vaccas; no terreiro uma negra, com uma *abada* de milho, *cacareja* ás gallinhas, e as aves surgem dos mattos, do *porão* da casa, da cocheira, veem a correr, veem a voar, e *ninhadas* apparecem: *pin-tainhos tenros*, *timidos*, olhando com espanto as outras aves que comem com um ruido igual ao das chuvas nas telhas.

Passam *capinadores* e carreiros levando *cargas* ; vae começar o trabalho.

Longe vae a *garôa*, já a matta estremece descoberta, *pintalgada* de roxo e de amarello. Lavadeiras descem para os *corregos*, e pequenos pastores vão *encosta* acima, tocando o gado para o pasto. Faz frio.

Bom dia ! Bom dia ! E as moças apparecem coradas, com os braços cruzados escondendo as mãos. Olham das janellas, mas logo *reclâm*. Que frio ! O lavrador sae á *varanda*, passeia o olhar pelo *terreiro*, onde o café, em montes, vai sendo *curtido* pelo tempo. Alli estão os colonos, brancos e negros, cada homem com a sua enxada; e uma velha negra lá vae, vagarosa ; dando com o fazendeiro, detém-se : « Benção, sinhô ! » Antiga escrava, é ainda *humilde*.

Os colonos levam a mão ao chapéo e *saúdam* respeitosamente. As *juntas* já estão no carro, os bois *runinam*. Chega o carreiro, de vara em punho, e brada : « Eôoh ! » e lá vão os animaes pelos caminhos frescos.

O *feitor* anda de um lado para outro, tomando nota. Mas porque não seguem ? que esperam ? Uma *nesga* de azul apparece, *aloura-se* o monte, e a luz vem descendo, descendo : eil-a no campo. Brilha o orvalho na herva rasa, lá se vae a neblina e o sol *fulgura*. Eôoh ! lá sobe o carro vagaroso, e os colonos seguem, a caminho da roça, justamente quando a agua do ribeiro, *despenhando-se* do alto, faz *girar* a roda do moinho.

E' o moinho primitivo, a *azenha*, movido pela *corrente rapida* dos *corregos* ou pelas aguas *repousadas* dos *açudes*, *reservatorios* das chuvas beneficentes. Na casa das machinas *silva* o *motor*, annunciando o trabalho ; e começa o preparo do café ou a *moagem* da canna, enquanto ao longe, ao vivo sol, os colonos *lavram* ou

adubam a terra ou *recolhem* os *productos* da sua *eterna fecundidade*.

A *calma* é grande: meio dia! A casa parece dormir ao sol, fechada e quieta. Ao longe, por entre os milhos, sóbe um *fio* de fumo da *senzala* do negro ou da casa do colono branco — é a família do trabalhador que lhe prepara o alimento, enquanto os filhos brincam no *terreiro* varrido, á sombra da *plantação domestica*. Piam os *bem-tevis*, e os *anús* e os *gaviões* passam nos ares gritando. Muito longe, nos valles, *silva* a *locomotiva*, e a terra forte *vae fecundando* a semente, o sol *vae amadurecendo* os fructos, e as *aguas cantantes* vão *regando* as raizes até que a *brisa fresca* começa a soprar.

Descamba o sol, cantam as *cigarras*, *recolhem-se* os passarinhos.

Ahi veem chegando os carros pesados, *rinchando*, e a gente *cançada*, mas *satisfeita*; *recolhem-se* os rebanhos *vagarosos*. O feitor conta a *tarefa*... e cada homem segue a caminho da sua casa, uns para o valle, outros para o monte, com o dia *ganho*. Anositece. O luar *alvo* e *brando* estende-se pela *paizagem* *tranquilla*; o silencio é apenas cortado pelo canto dos *grillos* ou pelo *pio funebre* da *coruja*. Ladram cães, muge o gado, e o fazendeiro, *debruçado* á grade da *varanda*, *escuta* o rumor das *arvores creadoras* — um *sussurro* suave, como se todas cantem *balançando* ao collo os fructos *recem-nascidos*. E os *ribeiros friissimos* *murmuram*...

XI

O lenhador

Quando chegámos á cabana do velho Amancio, á bocca da matta, um cãesinho, que dormia encolhido sobre um monte de *bagacos* de canna, já seccos, perto de uma *moenda* rustica, saltou ladrando; mas o velho Amancio aquietou-o, e, abrindo a *cancellinha* que dava *ingresso* ao terreiro, recebeu-nos amavelmente.

A casa, de muros de *taipa*, coberta de *sapé*, estava como um ninho entre arvores; as laranjeiras carregadas vergavam os ramos ao peso dos fructos; para um lado o cannavial e o milho, para outro lado a horta, onde cantava a agua fina de um correjo, e sob a *rama frondosa* de velhissima *mangueira* o *paiol* modesto da familia; mais adeante o cercado onde berrava a cabra leiteira' o gallinheiro e a *céva*.

Amancio era homem de cincoenta annos, moreno e robusto, de olhos vivos, barbas e cabellos *grisalhos*. Fallava sorrindo, com affavel expressão, e a bôa Livia, esposa do honesto *lenhador*, que o acompanhava desde a mocidade, já com a pelle enrugada e a cabeça toda branca, parecia mais velha do que elle.

Quando entrámos na sala da pobre gente, lá fóra, na matta, as cigarras cantavam e as pombas punham uma nota de melancolia *saudosa* no

crepusculo. Amancio, vendo-nos com as espingardas e sabendo que pretendíamos passar a noite na montanha para que podessemos *surprender* a caça á hora em que ella deixa a *tóca*, offereceu-nos do que tinha no seu armario, emquanto a boa Livia estendia sobre os leitos *toscas*, forrados de palha, alvos lençoes que traziam o suave perfume dos *coradouros silvestres*.

Acceitando a *refeição* que nos offerecia o honesto lenhador, puzemo-nos á mesa. Illuminada por uma *candeia fumarenta*, a sala tinha um triste *aspecto*, mas a pobreza era largamente *compensada* pelo *escrupuloso asseio*. *Mariposas* voavam, *attrahidas* pela chamma da candeia, e lá fóra, ás estrellas, os sapos *coaxavam*. Em uma das paredes, perto de varios *registos* de santos, havia um retrato *lithographado* do general Osorio.

— Vosmecês estão olhando,— disse o lenhador sorrindo.— Aquelle é o homem que nos defendeu nos campos da guerra ; está perto de Nosso Senhor. A gente acostuma-se a adorar esses *patricios* e acaba fazendo assim como eu faço. Livia já quiz tirar o retrato para outro lugar, porque diz que não é santo. Oh ! mas fez tanto como se o fosse ! porque salvou a honra do povo, pois não foi ? Essa é a verdade, vosmecês não acham ? Deus Nosso Senhor no céu ha de *aprovar* o meu pensamento. Eu sou assim : tudo por minha terra e pelos homens que fazem bem á minha terra, pois não é assim ?

— Ha quanto tempo vives neste monte, Amancio ?

— Eu sei ! Posso dizer que foi neste cantinho que nasci. Quando me entendi, meu pae, que era um caboclo forte, morava em uma casinha muito lá embaixo : tudo era matto nesse tempo, hoje tudo é quasi uma cidade. Ainda as onças

vagavam pelos caminhos e não se andava neste monte como a gente anda agora...

— Havia perigo?

— Se havia perigo?! tudo isto estava ainda como quando Deus creou. Eu bem me lembro! A' noite, era um cuidado! Muita vez meu pae sahiu com a espingarda para espantar as onças que *rondavam* a casa. E isto não era como é hoje! Os bichos foram para longe; já não ha onças nas seras... nem mesmo na Mantiqueira, onde está o Itatiaia, que é o pico mais alto do Brazil... nem lá mesmo... Só as arvores ficaram: ainda assim muitas já desceram...

E o velho lenhador baixou a cabeça altiva; mas, levantando-a, pouco depois, continuou: — Americo, (vosmecês não conhecem meu filho Americo, que é marinheiro?) disse-me uma vez uma cousa que me fez pensar: — « Ah! meu pae, a gente na cidade é que comprehende o valor das arvores que foram as minhas companheiras. O tronco que meu pae *derruba*, vem para as officinas; e de uma sae como navio; sae de outra *transformado em leito*, é a *mobilia* do rico e é o *catre* do pobre, é o *esteio* da casa e é o altar. Quasi tudo quanto a gente vê em *construcções* desceu da floresta. O navio em que eu ando foi um canto de bosque, teve folhas e fructos; hoje, depois que os troncos foram trabalhados, anda pelos mares, armado; é a floresta que defende a patria, é a floresta que sae pelo mundo levando a bandeira nos mastros como uma flor no galho. Eu vejo a floresta em toda parte, meu pae... »

« E' bem a verdade; Americo disse bem... E não é só a madeira que vae do monte: é a agua que desce, é a caça que alimenta, é a *plumagem* dos passaros, é a flor, é a *resina*, é a herva que cura... é tudo quanto existe no monte.

« No tempo da guerra vieram aqui buscar madeira para navios, para carros, para esteios de *barracas*, e a matta foi descendo e seguio com o exercito... a terra tambem manda *contingentes*, quando os seus filhos brigam por sua honra!

— E você vive de *lenhar*, Amancio?

— Então? Cada um faz o que póde! a questão é trabalhar. O carvoeiro vem, faz a sua cova, queima a sua lenha, e desce com o carvão que vae dar o fogo ás casas; não é um homem honrado? é, faz o seu *officio*! Eu derrubo arvores, vosmecês estudam... Eu trabalho para vosmecês e vosmecês trabalham para mim... E' duro o meu serviço, estou com as mãos assim cheias de grossos callos.... mas a minha consciencia é leve, porque nunca procedi como máo homem!

E Amancio levantou-se, e abriu uma janella: o luar clarissimo penetrou.

— Se vosmecês querem apanhar alguma cousa, vão indo, agora as pacas estão bebendo... Eu vou tambem, porque conheço os caminhos... Dá cá a espingarda, Livia; fecha a casa e dorme. Vamos!.. Está uma noite formosa... e a gente aqui no monte parece que está mais perto do céu. Vamos!

E sahimos os trez para a silenciosa floresta.

XII

No Paraguay

Foi assim que o velho soldado, paralytico, já com a cabeça toda coberta de cabellos alvos, contou aos filhos e aos netos, uma noite, as suas recordações,—na varanda da antiga casa da fazenda, deante do braço de rio que o luar serenamente illuminava :

« Ninguem póde imaginar que angustia, que magua, que desespero enchem o coração de um soldado, quando elle vê, com os olhos que a raiva desvaira, o inimigo *roubar* um dos seus canhões, a sua melhor arma de combate ! Já senti essa dôr, já tive um momento desses na vida... A peça de uma bateria não é apenas um elemento de ataque ou de defeza : — o artilheiro que vive com ella, que a limpa todas as manhãs, que a sente, na hora da batalha, docile e obediente ao seu mando de pae,—chega a ter-lhe um amor de pae. Parece que naquelle metal ha uma alma que comprehende a alma do soldado : a convivencia longa apura essa amizade, e quem *furta* ao artilheiro a sua peça, em cuja voz poderosa estremece e ruge a voz da Patria, furta-lhe um pedaço do proprio coração...

Foi em 1866, meninos. A campanha do Paraguay ia em meio. A nossa bandeira tinha fluctuado victoriosa sobre as ruinas do *forte* de

Itapirú, e tomáramos de assalto o *acampamento* paraguayo do *Passo da Patria*: agora, tendo castigado os que invadiram o nosso territorio, invadiamos o delles. Quando acampámos, um grande orgulho animava as tropas.

Um grande orgulho, sim! Naquelle momento só havia bravos no exercito: os soldados mais fracos, aquelles que com mais repugnancia partiram para a guerra, já tinham recebido o seu *baptismo de sangue*: e o exemplo dos outros e a satisfação das primeiras victorias tinham varrido do coração de cada um delles o medo da morte. E quem é que tem medo da morte em *campanha*, meninos? alli só se pensa na imagem que está gravada na alma, — na imagem da Patria, que é preciso honrar e defender. Ah! ainda me lembro bem do dia em que sahimos daqui deste canto da nossa provincia, eu e mais uns quarenta...

Era no começo da guerra. Os batalhões estavam se reunindo no Rio de Janeiro.

Nunca fui medroso, graças a Deus! mas era moço, era rustico, mal sabia ler e escrever, e nunca tinha sahido da minha provincia, e amava muito estes sitios... Desde pequeno que os conhecia a todos de cór: descalço, logo ao romper da manhã, sahia com o sol por esses campos fóra, e assaltava as arvores, e subia as serras, e mettia-me na agua do rio, e deitava abaixo os ninhos, e colhia fructas, e deixava-me ficar dormindo sobre o chão cheiroso do matto, ouvindo a cantiga dos passarinhos.

Depois, quando tive de trabalhar, ainda senti com mais força me crescer no coração o amor do lugar em que nasci. Vi quanto era boa a terra que nos dava o alimento; e quando, dado á lavoura, comecei a cultivar-a, adorei-a, — vendo-a abrir-se em plantações ricas, para pagar com

tresdobradas recompensas o esforço de quem sobre ella suava.

Quando appareceram por aqui os homens encarregados de arranjar soldados, eu quiz fugir... Diziam-me que era preciso defender a minha terra, e eu pensava commigo mesmo : « a minha terra é esta, pequena e amiga, de onde nunca sahi, e onde vive a minha gente !... que tenho eu com o resto do Brazil ? » — Mas não houve remedio : foi necessario *assentar praça* e partir.

No dia da partida, quasi morri de tristeza. As mulheres todas choravam. Naquelle grupo de soldados, que iam para a vida arriscada das batalhas, cada uma dellas tinha um filho, ou um pae, ou um marido, ou um irmão. E as lagrimas das mulheres fracas chamavam as lagrimas aos olhos dos mais fortes de nós. Lancei um ultimo olhar ás arvores, ás aguas, aos amigos, e fui seguindo com o coração pesado, com a certeza de que seguia para a morte... Mas, no Rio de Janeiro, no quartel, no meio dos outros, ouvindo as historias das guerras que elles contavam, já foi desapparecendo o medo, já foi morrendo a saudade : e, quando embarcámos, já todos nós pensávamos sómente na gloria de ir honrar aquella *bandeira* que levavamos, fluctuando, saudada pelas *musicas*.

Como ia dizendo, um grande orgulho animava as tropas, no dia em que acampámos em Passo da Patria. Mas ninguem descansava. Era preciso estar alerta de dia e de noite.

Alli, a terra *paraguaya* era selvagem e amedrontadora.

Agua boa, não havia,— nem para nós, nem para os animaes. Os cavallos não encontravam *pastagens*, que lhes refizessem as forças. De espaço a espaço, havia immensos pantanos alagadiços, cobertos e disfarçados por espessas *herva-*

gens más : quem se aventurava sobre ellas, a cavallo, sentia de repente o chão faltar sob os pés do animal. Depois, havia pequenos bosques espalhados, onde o inimigo se occultava, matando os nossos, que nada conheciam daquillo. Traição em tudo: traição na terra e traição nos homens. Os *mantimentos* eram poucos e máus: as febres eram muitas e crueis. E a paizagem era triste e lugubre. Mas que importava isso ? apenas o que queriamos era não morrer de febre: queriamos morrer combatendo e vingando os nossos.

Dez dias assim ficámos. Mas não foram dez dias de paz e repouso, esses: muitas vezes por dia, piquetes nossos saíam a fazer explorações pelo arredor. A's vezes, nem todos voltavam: davam sobre os paraguayos, matavam ou morriam.

Em frente de nós ficava o *Estero Bellaco*. Era uma successão de depressões de terreno, onde as aguas dos rios se estagnavam, e de monticulos de terra, cobertos de matto bravo. Para além do Estero é que estava o exercito inimigo, muito maior do que o nosso.

Um dia, quando menos esperavamos, fomos surpreendidos á traição. Era meio dia, era a hora do *rancho*. O dia estava triste, sem sol, coberto de nuvens. Quasi todos os soldados descansavam, comendo e conversando: os inimigos sabiam que nesse momento não poderiamos esperar o ataque. A minha bateria era commandada por um capitão nosso patricio, meninos, que era um homem ! que era um homem !... era sempre o primeiro a *avancar* e o ultimo a *recuar* ! A morte parecia fugir delle... e, depois, generoso e bom, um verdadeiro pae dos soldados. Eu estava deitado ao lado de uma das peças, desarmado, quasi dormindo, quando soaram as *cornetas*, e um grande clamor encheu os ares. Só tive tempo para me levantar. O com-

mandante reunia ás pressas os seus homens e dava ordens precipitadamente. Os *tambores* ru-favam, os *clarins* gritavam, e já de lado a lado a fuzilaria crepitava forte e continua. Não chegámos a disparar um só tiro de canhão. Tivemos de combater á arma branca, dando tiros de espingarda quasi á *queima-roupa*.

Estavamos atacados por mais de mil cavalleiros paraguayos. Combatiamos abraçados ás nossas peças, ás nossas queridas peças, que nos queriam roubar : muitos de nós ficaram alli mesmo, mortos, banhando com o seu sangue *heroico* as rodas das *carretas*. Mas não era possivel vencer ! demos os nossos ultimos tiros, e vibrámos as nossas ultimas cutiladas em vão ! Quando nos chegou *reforço*, as nossas peças tinham desapparecido, arrastadas pelos animaes dos inimigos. Eu, ferido, cahido no chão, só podendo levantar a cabeça, ainda as vi de longe, com os olhos cheios de lagrimas de raiva. Parecia-me que estava perdendo, com ellas, pae, mãe, amigos, toda a minha alma, toda a minha vida. E pedi a Deus que me matasse naquelle mesmo instante, porque não queria sobreviver a tamanha desgraça... Ah ! vocês não podem imaginar o que é isso, meninos, vocês não podem imaginar o que é isso !... »

E, na varanda da antiga casa da fazenda, ao luar, defronte do braço do rio, que fulgurava, rolando sobre os seixos do leito as suas aguas serenas, — o velho soldado, sacudindo a cabeça *encanecida*, tinha nas faces duas lagrimas que iam cahindo de manso. Houve um curto silencio. Depois, um dos netos, um menino de dez annos, pallido de commoção, levantou a voz tremula:

— E depois, vovô ? e depois ?

Então, reanimou-se o velho. Passou pelos seus olhos um brilho desusado. A face illuminada

cobriu-se de uma onda de rubor. Já não parecia acabrunhado pela idade e pela doença : quem alli estava era o velho guerreiro, revivendo os seus dias gloriosos de outr'ora:

« Depois ? depois ? ! Ah ! não durou muito a vergonha da derrota ! nem Deus seria justo se nos deixasse alli, sem consolo e sem gloria ! Ainda não tinha corrido um quarto de hora, e, livres do assombro que as immobilisára, as nossas tropas tinham recobrado a calma, e avançavam sobre o Estero-Bellaco. Eu, abandonado no chão, sem movimento, já não queria morrer.

Cantava-me o coração dentro do peito. E, vendo as bandeiras ondularem, e ouvindo o *tropel* dos cavallos e o rumor confuso da batalha, julgava estar nascendo de novo. A's tres horas da tarde, a victoria era nossa. Eram nossas outra vez as peças roubadas, e nossas ainda mais duas peças e uma bandeira delles ! »

Calou-se o velho. O neto, *respirando desafogadamente*, perguntou:

— Morreu muita gente, vovô ?

— Perdemos oitenta officiaes e mais de mil soldados, filho ! Abençoada seja a memoria delles, que souberam morrer como homens dignos do nome de brasileiros !...

XIII

A vida civilisada

A *civilização*, que é a *diffusão* das riquezas materiaes, intellectuaes e moraes, não póde nunca, sem transições, sem um longo trabalho de reforma paciente, tomar conta de um paiz. Para que ella floresça, é preciso que o moroso passar dos seculos vá apurando as gerações; e se hoje a terra fluminense prospêra, civilisada e forte, foi necessario para isso o esforço *collectivo* e *anonymo* das gerações que passaram.

Tu, que nasceste em plena civilização, gozando os beneficios que o trabalho dos teus *antepassados* preparou, concentra o teu espirito, e, contemplando o presente e rememorando o passado, compara-os, coteja-os, admirando o que foi esse lento progresso.

Lembra-te, primeiro, da primitiva bruteza deste sólo: as *selvas* bastas e intrataveis se succediam, como espessas muralhas; os rios, largos e *acachoeirados*, oppunham novas *barreiras* ao *passo humano*; cerravam-se as montanhas, e toda a natureza se mostrava *concertada* para repellir outros habitantes que não fossem aquelles habitantes, selvagens como ella.

Esses viviam *nomades*, em perpetuas guerras; quando entravam *na vida sedentaria*, a aldeia era um agrupamento informe de *ócas* de barro

e páu, cercadas de *trincheiras* de *espiques de palmeira*: e o que era a *vida social* dessas gentes, diziam-n'ó claramente as *caveiras* dos inimigos mortos em combate, espetadas nas *caixaras*.

Vê agora a tua terra coberta de uma população de mais de um milhão de almas novas. O esforço do homem venceu a resistencia da natureza. As florestas abriram-se; as serras tiveram desvendado o mysterio das suas cumiadas; pontes arrojadas de margem a margem dominaram os rios, as féras recuaram, e o *arado*, victoriosamente rasgando a terra, deixou-a submissa e amiga. Abre agora um *mappa*, e vê como as estradas de ferro *serpeiam*, atravessando as águas, furando os montes, servindo os *centros ruraes*, parando de espaço a espaço, ao pé de uma cidade, para logo correr de novo pelos campos, em busca de outras. De extremo a extremo, a civilisação extendeu essa ramificação prodigiosa. Dos *troncos* centraes partem os *galhos*, dos galhos partem as *ramadas*, e de anno em anno, troncos novos se firmam no solo, expandidos logo em linhas varias, que vão de *kilometro* em *kilometro* occupando todas as zonas povoadas ou por povoar. Trinta e trez linhas, servindo mais de duzentas *estações*, levam a vida e o progresso do littoral ao centro, e voltam, carregando os productos do trabalho. E' por essa immensa combinação de *canaes* que circula a actividade, como pelas *arterias* e pelas *veias* do corpo humano, destinadas a *prover* de alimento o *organismo*, circula o *sangue* que mantém a nutrição. E nota agora como, acompanhando passo a passo as locomotivas que voam sobre os trilhos, se estendem os *fios telegraphicos*, vibrando constantemente, conduzindo a *electricidade* invisivel e poderosa, que transmite o *pensamento*, que congrega num mesmo ideal de

ordem, de *disciplina*, de submissão ao governo da lei, todos os *cerebros*. Observa agora o conforto da gente trabalhadora.

A habitação do campo já não é a rude *taba* do selvagem, nem a feia *senzala* dos escravos, onde, em *promiscuidade* immunda, os desherdados da fortuna penavam e morriam. A *senzala* desappareceu, como desappareceu a *óca*. Limpa e arejada, alegre na sua simplicidade encantadora, a habitação do colono sorri, como a morada da paz e da fartura. Quando, ao romper da manhã clara, o trabalhador deixa a casa para ir *mourejar* no campo, sabe que deixa accommodada e feliz a família. E voltando-se, para num *aceno amigo* abençoar os filhos que da porta o veem partir, elle sabe, avistando a fumaça que corôa a *chaminé* domestica, que não falta alli o pão, como não falta o socego.

Agora, vê que multidão de cidades! Umas, postas á beira-mar, dominam as aguas contidas pelos *cães*, e veem balançar-se aos seus pés os navios, em cujos *mastros* as *bandeiras* de todos os povos fluctuam. Outras, do seio fecundo dos vales, emergem, risonhas e barulhentas, da paizagem fresca de em torno, em meio da vida rural. Outras, agarradas aos flancos das serras, são as primeiras a receber a luz do sol, e cantam alto, com o clamor dos seus sinos, com o estrepito das machinas que não param nas suas fabricas, a gloria do homem. E, enquanto os homens trabalham, as creanças, logo ás primeiras horas do dia, partem para a Escola...

A Escola já não é um lugar de tristeza e martyrio: é um prolongamento da casa da familia; o mestre já não appella para a dôr physica do castigo corporal, como para o unico meio de formar a alma da creança: appella para o exemplo, para o carinho, para o affectuoso conselho que com-

move e convence. E, nas salas claras, deante dos *mappas*, deante dos livros, as crianças não *bocejam*, *acabrunhadas* pelo *tedio*: sente-se, na attenção com que ouvem as lições, o desabrochar da sua intelligencia, na alegria, que é a saude moral, e na vontade de saber, que é o elemento principal da educação.

Ahi tens o que é a vida de hoje, em tua patria. Lembra-te de novo do tempo em que as *tribus* viviam por aqui, núas e sem leis,—tempo em que *Cunhambebe*, o feroz *cacique*, dominava com as suas *canoas* de guerra todo o littoral do Rio de Janeiro; lembra-te das epochas em que sómente os braços dos pobres captivos exploravam a terra; — e méde a extraordinaria extensão do progresso feito.

Gloria ao trabalho do homem! No meio das imperfeições e das injustiças que ainda ha nas *sociedades* civilisadas, ella é a garantia de um futuro melhor: de tentativa em tentativa, de esforço em esforço, o trabalho *collectivo*, animado pelo amor e pela bondade, *nivelará* todos os homens e assentará no seio da terra a felicidade completa! Tu, que amas a tua Patria, aprende, reconhecendo o valor do que os teus *avós* já fizeram, a sacrificar o teu proprio bem ao bem commum, para que os teus netos possam abençoar a tua *memoria*, como abençôas a memoria dos que te deram a civilisação.

XIV

As industrias

De sol a sol, infatigavelmente *labutando*, o homem, assim como explora a terra, fecha-se nas fabricas, e guiado pela *intelligencia*, vence a *materia*, aproveitando-se della para todas as necessidades da existencia, talhando e afeiçãoando á vontade as mais rijas madeiras, dominando e amoldando ao seu capricho os mais duros metaes, extrahindo, de massas informes, os mais poderosos como os mais delicados *utensilios*. E quem entra nesses fócios de trabalho sente a alma dilatar-se, cheia de um orgulho nobre, vendo de quanto é capaz o homem, tão fraco diante da natureza, pela sua miseria physica, mas tão forte pela energia da sua vontade e pelo poder do seu espirito...

Aqui, dentro da vasta officina, onde os grandes *fóles* bufam, activando o fogo das fornalhas rubras, ha vultos negros que desaparecem entre as chammass, fundindo o ferro que jorra dos *cadinhos*, em jactos de um brilho offuscante. Vê-los assim, faz lembrar a creação *fabulosa* dos *Cyclopes*: o metal candente fumega; os grandes *martellos* pesados cáem cantando sobre as *bigornas*; e uma chuva rutilante de *centelhas* enche os ares, onde echôa o alarido triumphal daquella *faina*.

Além, naquelle arsenal, aprestam-se as armas, com que, em caso de guerra, a Patria se defenderá das affrontas dos inimigos: e põe medo e espanto na alma a contemplação daquelles formidaveis *apparelhos de combate*, guardando, na sua immobillidade impassivel, a destruição e a morte. Mais adeante, porém, como contraste, a industria da paz se desenvolve e progride: aqui, são os *teares*, rodando sem cessar, recebendo os *fios* que ajuntam, alisam, tecem, afinam, em fazendas varias,—desde a grosseira *aniagem* e o pesado fardo de *canhamo* trançado, até o *linho* mais leve e a *seda* mais preciosa; depois, são os *cortumes*, de onde o *couro*, entrado bruto, sae preparado e inalteravel, prompto para resistir ás mais rudes *intemperies*; depois as fabricas de *moveis* de luxo, onde as madeiras se encurvam, se limam, se aprimoram, obedecendo á fantasia dos mais extravagantes desenhos; depois as poderosas *distillações* onde os *alambiques* descommunaes preparam os licores; depois as *olarias* e as fabricas de *ceramica*, que fornecem as louças grossas e de luxo, e as ornamentações e as estatuas e os vasos de *terra-cota*; e por toda a parte, o protesto vivo contra a inercia, e por toda a parte a fumaça rompendo em rolos das chaminés gigantes...

XV

Os animaes

A' grande luz, no campo verde, canta o pastor *solitario*.

Bem hajas, vigia dos rebanhos! A agua *limpida* deriva por entre as hervas frescas, e as *ovelhas, repousadas, balem* chamando as *crias*. Cuidado! que se não *extraviem* as ovelhas do teu *amo, cauto* pastor! A *lan* que lhes *forra* o corpo é que faz o *gabão* que te *agasalha*, o leite que ellas dão é o teu alimento; e mortas, ainda ellas alimentam a tua vida.

Cuidado, menino de *pastoreio*, que não *desgarre* um só *anho!*

E tu, homem *campeiro, attenta!* attenta para que se não *tresmalhe* um touro! As *vaccas ruminam* deitadas na herva, as *novilhas* e os *bezerros* saltam. Esses são os futuros companheiros de trabalho, delles virão mais tarde o leite e a carne. Alli a *moça, acororada, ordenha*, leva o *cantil* de leite e ferve-o, e com elle alimenta o filho e *reanima* o enfermo. Já o *batem* para manteiga, já o *coalham* para queijo, ou *temperam* com elle varios doces.

Lá sae um boi do rebanho, traz a canga *assignalada* no *toutiço* forte, foi *carreiro*; vae de *cerviz* baixa, seguindo o *magarefe*; entra no *curro mortal*; ferido, róla em sangue, com um triste

mugido, procurando o campo *natal* com os olhos *moribundos*. Já lhe vão *escorchando* o corpo e a pelle sae na mão dos *curtidores*; *talham-lhe* a carne que vai *abastecer* a villa; e, se ha *sobras*, não se perdem: salgam-n'as e, em *estendaes*, deixam-n'as ao sol para servir mais tarde. Lá vão as *visceras* e a *fressura*, o mesmo sangue é aproveitado, e os ossos, que vão ter ás officinas, saem de lá em *artefactos*.

O *sebo* volta em *velas* que illuminam ou em *graxa* que *lubrifica*. E' ainda o boi que *auxilia* a corrida do *comboio* e as machinas industriaes, dando maior *lubricidade* aos eixos. Vivo, é o trabalhador *submisso*; morto, é o alimento e ainda o *auxiliar* do artista e a *materia prima* da industria.

Alli vão o cevado e os *bacorinhos*, *coinchando*; *fossam* a *estrumeira*, *atolam-se* na lagôa. Salta o cabrito *trefego*. Além, montado pelo *domador*, *nitre* o cavallo *árdego*, salta, *corcoveia*, a *clina* ao vento, as *narinas* *fogosamente dilatadas*. Dá-lhe o ensino, domador! não o deixes *bravio* e *inutil*. Bom e leal companheiro, elle é o amigo na paz e é o camarada na guerra. Não lhe fazem medo as *trincheiras*, se é *ginete*,— nem tão pouco *recúa* nas viagens, se o empregam como *caminhão*. Eil-o a correr na *pista*, *vaidoso* e *altivo*, eil-o a *trotar*, *garboso*, nas estradas.

Lá no *encosto* do monte *orneja* o *jumento* forte, e ladra o cão *vigilante*, o *penate domestico*, vigia *insomne* que defende o *pomar* e a casa, sempre meigo e fiel. No campo auxilia o pastor, em casa morre contente aos pés do amo para defender-lhe os bens e a vida; *mia* o gato nas telhas, *cacareja* a gallinha, o gallo canta, *arrulha* o pombo, *grasna* o pato, *impa ufano* o perú, e pelas arvores cantam os varios formosos passaros que dão as pennas do corpo ao luxo e ao gozo e a *melodia*

do canto aos que a estimam. São esses os animaes domesticos trazidos na arca da Paz : vieram substituir a *féra carniceira*...

Caçador, não vás destruir a caça *fecunda*, nem sacrificar os pequeninos animaes ! deixa os ninhos no galho, caçador !

E tu, que vaes ribeiro abaixo, na *piroga* de pesca, retira da agua o peixe sem maldade : não vás destruir *cardumes* novos com a ambição de ganho ; toma quanto puderes, sacia-te, mas não estragues, deixa nas *caras* os que se vão *gerando* ! Entra no rio *desaffrontado*, atira o *anzol*, estende a rêde, — que a agua *prodiga* não te negará o *pescado* : mas não sejas *perverso* per *ambição* — toma o bastante e *rema* para o mercado. Deus fez o animal para *utilidade* do homem, não o fez para o *desperdicio*. Não tens o anzol ? não tens a rêde ? para que has de lançar mão do fogo, pescador ?

Vamos ! se os animaes tanto bem nos fazem, porque havemos de responder-lhes com tanta *perversidade* ? E' tão compensador um acto de misericordia ! quem pratica a caridade sente a alma feliz... e porque não havemos de ser caridosos com os animaes ? custa tão pouco ! e elles bem o merecem ! A dor não é *privilegio humano* — os animaes tambem gemem.

XVI

A Republica

Era o dia 15 de novembro de 1889.

Em *Nictheroy*, na ponte das *barcas Ferry*, agglomerava-se a multidão anciosa. Sabia-se que o *exercito nacional*, obedecendo ás ordens do glorioso marechal Deodoro da Fonseca, estava no campo da Acclamação, em linha de batalha, cercando o quartel-general.

Dizia-se que a *Republica* havia sido proclamada, e de instante a instante crescia a anciedade dos que esperavam noticias. As barcas que partiam iam cheias de gente; os *commentarios* se multiplicavam; havia incredulos que achavam absurdo o boato; mas havia tambem quem achasse natural a confirmação daquillo que os bons patriotas esperavam havia tanto tempo.

A's trez horas da tarde, de uma barca que chegava, saltou um moço, dando vivas á Republica, a Deodoro e a *Benjamin Constant*. E foi dos seus labios que todos ouviram a grande noticia. O governo do imperio capitulára. Deodoro, acclamado pelo povo e pela tropa, era vencedor: e os populares, reunidos no Paço da Camara Municipal, acabavam de declarar estabelecido o regimen republicano. Ouvindo isso, a multidão se agitou com entusiasmo, e um só grito delirante sahiu de todas as boccas:

— *Viva a Republica!*

Então, um menino, que, acompanhando o pae, assistia áquella scena, perguntou:

— Que é isto, papae? Que é a Republica?

O pae tomou-o nos braços, beijou-o, e disse-lhe com as faces coradas de jubilo e os olhos flammejantes de orgulho:

— A Republica, meu filho, é a liberdade! a Republica é a felicidade do povo. Agora, a tua terra não é mais governada por um senhor... agora, a tua patria não é mais a propriedade de uma *familia real*... agora, o Brazil é verdadeiramente uma nação digna de estar ao lado das suas *irmãs americanas*... A Republica vem acabar com os *privilegios* do *throno*: agora vamos ser governados por um de nós, livremente escolhido por nós! a Republica, meu filho, é o *governo do povo pelo povo*... a Republica é a nossa *carta de alforria*... Grita tambem, meu filho, grita tambem — viva a Republica!

E a creança, batendo as mãos no ar, gritou com alegria:

— Viva a Republica!

XVIII

A defeza

Já o sangue corria *copioso* ao longo da praia de Nictheroy, transformada em arena de *fratricídio*; legalistas e revoltosos batiam-se com igual *denodo* e se, pelas ruas, *acudindo* em *tropel* ou descendo *precipitadamente* os caminhos *tortuosos* da montanha, *surgiam* os defensores da cidade,— *escaleres* *atracavam afoitamente*, sob um *chuveiro* de balas, desembarcando a *maruja cançada*, que, protegida pelo fogo *incessante* dos navios, *investia* brandindo machadinhas ou *descarregando* carabinas, com *audacia*, á medida que os de terra, *affrontando* com *temeraria* *coragem* o *impeto* dos *invasores*, *sustentavam* o fogo sem *ceder* um *passo* do terreno.

Retiniam as *cornetas* *excitantes*, subia a *grita*, *recrudescia* o *alvoroto* e ao que *bradava furioso* respondia com o *stertor*, *escabujando* na *sanguieira* que manchava o *solo* da patria, o ferido, morrendo com os olhos no *céo*, bem perto, talvez, da casa em que nascera, e onde deixára a mãe *desamparada*, um filho pequenino *prematuramente orfanado*.

Não eram *choques* de *pelotões* que alli se davam: combatiam corpo a corpo, em *duellos* terriveis, *injuriando-se* na mesma lingua, e o vencedor, sem se lembrar de que ferira um irmão, no *delirio*

do sangue, ainda *mutilava* o *cadaver*, e passava adiante, com a sêde da *hyena*, *surdo* ao *balbucio* da criança que a *peleja atordoava*, surdo aos gritos *afflictissimos* das mães que fugiam *espavoridas* apertando ao collo os filhos tenros, surdo ás palavras *enternecidas* dos velhos, ferindo, *trucidando* com uma crueldade feroz.

Se succedia a um do mar cair ferido, outro o levava ás costas para o primeiro escaler — e nisso consistia a *misericordia*. E os navios, *embuçados* em *nuvens* brancas de *fumo*, *despejavam* balas sem cessar.

Aqui *estrondava* a *granada*, *destruindo* a casa humilde do *operario*, ou ia *esboroar* a igreja; mais longe, entre as verdes arvores, *explodia* a *metralha*, e, nos *fórtes*, *atroava* a *artilharia soturna*, enquanto as *metralhadoras*, em *rufo*, iam *varrendo* a praia onde a *lucta fervia*.

Já a maruja avançava, nuvens de fumo e poeira *encobriam* a vista, e passavam cavallos soltos, em *desabrida* carreira, *attonitos*, *bufando*, fugindo a morte.

O *estridor bellicoso* subia a mais e mais, á luz viva do sol, quando o velho Lino, que *consequira* fugir por *veredas* de cabras, chegou *esbaforido* á casa, na montanha.

O seu primeiro cuidado foi para a velha *companheira*... Não houvesse alguma bala perdida sacrificado a bôa e fiel amiga, que o acompanhava na vida com tão desinteressado amor e tão *inquebrantavel* virtude, — a mãe do seu filho unico! Deus do céu!

E o bom velho, quando entrou em casa, só com esse pensamento levava os olhos cheios de agua. Felizmente, ella lá estava, a boa velhinha, tremula, ajoelhada deante do oratorio, a rezar por elle e pelo filho que lá andava nas aguas do mar, longe, felizmente! muito longe do crime!

— Ah! minha velha, que horror! os marinheiros desembarcaram, a praia está coberta de mortos e de feridos, e é a mesma gente, minha velha! isso é que me dóe, é a mesma gente, são irmãos que brigam! E' um horror! Eu fiz toda a campanha do Paraguay, mas confesso que nunca sofri tanto como hoje! Ah! minha velha, não é medo da morte, é horror! é horror do crime! Até não deviam andar com a bandeira, porque, palavra de honra! parece que ella tem vergonha! E' como se a gente trouxesse um *crucifixo* para *testemunha* de um crime. Reza mesmo, minha velha, reza; para que Deus tenha piedade da nossa terra!

A velha continuou a rezar, e o velho, commovido, sahiu á sala, e lançou os olhos á parede onde estava a sua *carabina*, a mesma que elle trouxera do sul; mas, chegando á janella, viu que alguém subia a montanha a correr: era um marinheiro, e ao sol a sua machadinha brilhava...

Lino, pensando na velha companheira, estremeceu, e bradou *intimando* o marujo a *retroceder*; elle, porém, subia, brandindo a machadinha. Que fazer? Havia de permittir que lhe matasse a companheira, estando elle alli para defendel-a? Não! Ao longe *estrondavam os canhões* e os *clamores* dos que combatiam *atroavam* mais perto. Não! E o velho Lino, n'um salto *agil* travou da carabina e, lembrando-se do tempo da guerra, poz-se *de flanco* junto á janella, e fez fogo: o homem que subia levantou ambos os braços e rolou de costas.

— Que foi isso, Lino? — perguntou assustada a pobre velha.

— Ah! minha velha! exclamou o desgraçado apertando a cabeça. Elle vinha subindo, era um marinheiro... fiz fogo. Ah! meu Deus! um homem da minha terra....

— E morreu ?

— Cahiu, nem sei. Ninguem viu ! mas a minha consciencia, agora !... é verdade que foi para defender a minha casa ! Ah ! meu Deus !

E os dois, unidos, ouvindo o *rebôo do canhoneio*, ficaram sem fallar, até que o *fragor* foi *cessando*, vindo depois uma grande *calma*.

Era *crepusculo* ; o ceu ganhava a côr *violacea*, quando os dois velhos, *compassivamente*, *desceram a montanha*.

Lino pedia a Deus no coração pelo infeliz, queria encontral-o com vida, para que elle mesmo o tratasse, *remittindo*, assim, parte da sua culpa.

— Ah ! meu Deus ! se elle morreu...

E desciam, quando a velha ouviu um gemido fraco que partia de um fosso ; *aproximou-se* e vio um homem *estendido*, *immovel*.

— Ah ! Lino...

— Está vivo ? perguntou o velho, *sobresaltado*.

— Está gemendo...

E a boa velha, *agarrando-se* ás hervas, procurava descer para chegar ao infeliz ; Lino, porém, mais prompto, chegou primeiro junto ao homem, e mal poz nelle os olhos *afflictos* tremeu *recuando* e poz-se a soluçar desesperadamente.

— Que é, Lino ? Que é, Lino ?

— Ai ! velha, foi castigo... é Luiz !

— Luiz ! Como ? pois elle não estava longe ? Ah ! Virgem ! — e a velha atirou-se *desatinadamente* ao fosso, *agachou-se* junto do marinheiro, e, com os olhos no rosto *esmorecido* do *desventurado*, ficou um instante tremula, *arquejando*, mas os soluços *tomaram-lhe* a garganta ; *rompeu* então em pranto :

— E' Luiz ! E' Luiz ! Ah ! meu filho ! mas como foi ?... Tu não estavas tão longe ? Ah ! Lino, elle vinha ter comnosco... Meu Deus !... Quem te trouxe de tão longe, Luiz ?

O misero rapaz levou a mão ao peito e, com a voz *flebil*, ponde apenas *murmurar* :

— A guerra... — e cerrou os olhos.

— E agora, velha? e agora, velha!?!...

Longe continuava o canhoneio... Lino lançou os olhos além, fitou o *horizonte* com um olhar *feroz*... ia *blasphemar*. Mas os soluços *rebetaram-lhe* na garganta.

Soavam as Trindades, quando os dois velhos, chorando, subiam a encosta da montanha, levando o cadaver do filho; e Lino *balbuciava* como em sonho:

— Foi a guerra... foi a guerra... Coitado do meu pobre filho!

E a artilharia ribombava.

XIX

O Futuro

HYMNO ESCOLAR

Vamos, fugindo de um passado escuro,
Patria querida, ás glorias do Futuro !
Para teu nome e teu porvir cantar,
Num hymno vasto que o triumpho exprima,
Fallem teus campos que o trabalho anima,
Teus verdes montes e teu largo mar !

Conduza a vossa mocidade,
Irmãos ! este hymno triumphal !
A'vante em busca da Verdade,
Luz immortal !

A mocidade é como a primavera :
Abre-se em flores, e o futuro espera...
A mocidade é da esperança irmã !
A nova Patria vive em nossos peitos :
Das flores de hoje hão-de sahir, perfeitos,
Os fructos de amanhã !

Conduza a vossa mocidade,
Irmãos ! este hymno triumphal !
Avante em busca da Verdade,
Luz immortal !

A mocidade é como as nebulosas,
Que, em confusão, nas amplidões riosas,
Guardam milhões de estrelas, a dormir...
Sahirão do teu seio, ó mocidade,
O' nebulosa de uma nova idade,
Os astros do porvir...

Conduza a vossa mocidade,
Irmãos! este hymno triumphal!
Avante em busca da Verdade,
Luz immortal!

Apele da horrôsa edição deixaram de inserir o capítulo
"O mar" que devia occupar o X lugar.

Aqui o deipo:

oello Netto

A mocidade é como as nebulosas,
Que, em confusão, nas amplidões riosas,
Guardam milhões de estrellas, a dormir...
Sahirão do teu seio, ó mocidade,
O' nebulosa de uma nova idade,
Os astros do porvir...

Conduza a vossa mocidade,
Irmãos! este hymno triumphal !
Avante em busca da Verdade,
Luz immortal !

Aleu da Horrrosa edição deixaram de inserir o capítulo
"O mar" que devia ocupar o X lugar.

Aqui o despo:

cello Netto

O mar

A todo o passo navega o brigue. O Timoneiro vela e, com the pagam a vigilia o esplendor do céu estrelado e a serenidade d'agua mansa que, como se desfie as constellações, estriella-se de ardentias.

O vento é brando e, porque não singra mui longe da costa verde, o brigue corre perfumado pelo arôma das terras.

Vem d'um porto do Sul e já vai sulcando aguas fluminenses e, vogando ao longo da costa, quantas bellas pode surpreender o marujo... nem todas, infelizmente! porque não se chega tanto á terra. Ah! não poder elle ver as ilhas verdes que parecem estas de folhagem fluctuando nos mares! Quem haverá u'ellas morando como Moyses quando foi lançado ao Nilo? quem viverá u'ellas, mareante? vês apenas a gaiivota e vês o arvoêdo... mas lá vem uma firoga de pesca, vem das ilhas e, por entre os arvores, ouvida o fennacho de fumo da cabana do pescador.

Quão bella e amavel deve ser a vida n'esse canto isolado!
Mas não te deixes reduzir pela reveria verde... attenta! não
vãs perder o rumo nem esqueças que o mar é irridioso. O
vulto sopra. Oh! lindo astro! que estranha estrella surge das
aguas tremulas. Oh! lindo astro! deve ser Venus, filha das
aguas. Venus?! não, os olhos do mauta não se illudem,
não é Venus, é o esplendor d'um pharol que illumina o ca-
minho ás naves. É o pharol da ilha Rasa. Já o céu co-
meça a colorir-se e o marujo, alongando os olhos, avista
as montanhas cuja estrutura original, recortada em
varios accidentes, forma o colono chamado "O gigante
de pedra" que a natureza parece ter alli posto, deitado,
como um guarda fiel da cidade.

A barra, posto que defendida pelos fortes, é franca e
o brigue far-se á terra, aprofando a entrada mar,

caindo o vento, trapeando as velas, entra o barco a jogar com
um rangido monótono; logo, porém, arrignala pedindo auxilio e o
rebocador vai a buscá-lo e torna com elle vagarosamente. Enquanto
ferra o panno vai o marujo olhando. Propicio e fortunoso é o
porto - mais um lago entre montes do que um trecho de mar e
estã cothado de ilhas. Vai o marujo olhando e admirando. A
tur rubilha d'agua lúida, polvilha d'ouro as cidades d'um e
d'outro littoral. Entram barcos de pesca abarrotados, uns a vela,
outros a remos, erguios, rapidos, saltando á flor da vaga e, ancorados,
quiétos, com os canhões a espreitarem os fortes curadores, as torpe
deixas aligeras, os couraçados possantes que fazem a ronda do
mar pátrio e, mais longe, junto aos trapiches ou em frente ás ilhas,
os colonos que fazem a travessia dos grandes mares affrontando es
carcões e neves, tormentas e ventos tropicaes que abraçam, dando do
que trazerem, recebendo o que lhes manda a terra e que elles levam a
outros mercados, mantendo assim a vida aqui e além, mediante o

o escambo que constitue o commercio.

Entram a Bahia pondo em communicação as duas cidades, as barcas de Nictheroy e lá, por entre centenas de mastros que dão ao mar o aspecto d'uma planície arborada pelo inverno, coberta de arvores secas, sem folhas, chega a barca de Petropolis, apinhada dos que desceu da cidade alpestre, onde a bruma faz pouso e as cauelias vicejam. Ancora o brigue, salta a maruja em terra, mas, pouco tempo tem para ver as maravilhas com que a natureza prodiga dotou a cidade, logo se aparta o brigue e, ao favor do torral, á tarde, abre de novo o parmo e singra, barra fora, a seu destino. Ueu que vai a bordo coubeu a costa fluminense e Laurenta não poder vela porque o brigue vai se fazendo ao largo, os companheiros, porém, á medida que o vento vai levando o barco, sem risco, á flor dos mares calmos, ouvem o que elle vai narrando e invejam-n'o.

- Ah! que linda é toda a costa desde este ponto até o des-

agradou do Paratyba onde me achei um dia. Já não fallo das vida
des que se vivem no mar mas das fraldas onde apparece a cabana do
pescador ou a salina crystallizada. Oh! como a gente vive n'esse
tranquillo littoral tão fértil: a planta nasce sem exigir cuidado, o
fructo salta abundantemente nas redes, a caça vem ter á porta da ca-
sa como a offerecer-se e, quem planta a sua noça não vê perdido
o trabalho, porque a terra lhe dá o bastante para a sociedade e
mais a sôbra para a feira.

- És d'essa terra? pergunta alguém ouvindo o marinhão e
elle, com saudade, os olhos ao longe:

- Alli nasci...

É o brique vai velejando ao doce clarão da lua.

mm